

Recriando o jornal-laboratório: uma experiência metodológica e editorial diferente¹

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa²

Rafiza Varão³

Universidade Católica de Brasília

Resumo

A proposta desse artigo é apresentar a reformulação metodológica, editorial e gráfica do jornal-laboratório ARTEFATO, da Universidade Católica de Brasília. Aplicamos no ensino da prática do jornalismo impresso uma metodologia diferente, tratando o grupo de discentes como um grupo cooperativo, no qual foi possível discutir e refletir sobre o fazer jornalístico e exercitar novas técnicas que vão além dos modelos tão propagados das grandes redações de jornal. O resultado dessa reformulação foi um jornal-laboratório diferente, que já na segunda edição teve sua tiragem dobrada por causa dos inúmeros pedidos que chegaram a redação. Ao final do texto também trazemos os resultados alcançados nesses seis meses de mudança do jornal.

Palavras-chaves

Jornalismo, comunicação, ensino, jornalismo impresso, jornal-laboratório.

Introdução

O jornal-laboratório, segundo a definição VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais, realizado em 1982, na Faculdade de Comunicação de Santos, São Paulo, é um veículo que deve ser feito a partir de técnicas específicas, para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional. Ao longo dos anos, o jornal-laboratório acabou refletindo, também, as mudanças sofridas na sociedade brasileira e na ideologia que cerca o fazer jornalístico. No Brasil, o jornal-laboratório vem sendo, desde as experiências pioneiras – como o mensário *A imprensa*, da

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Janara Sousa é jornalista e mestre em Comunicação, pela Universidade de Brasília. Atualmente, ministra aulas nos cursos de Comunicação das Faculdades Integradas do Icesp e da Universidade Católica de Brasília. E-mail: janara@ucb.br

³ Rafiza Varão é jornalista pela Universidade Federal do Maranhão e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Atualmente, ministra aulas nos cursos de Comunicação da Universidade Católica de Brasília e da Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas do Distrito Federal - Facitec. E-mail: rafiza@gmail.com

Cáspes Líbero, criado em 1949 –, um importante instrumento pedagógico para a formação acadêmica em Jornalismo, fazendo a articulação entre os conhecimentos teóricos e práticos da área.

No início, quando da regulamentação da profissão de jornalista, em 1969, a prática laboratorial vinha atender, justamente, a uma demanda que pregava o fim da *ditadura da teoria* nos cursos de Jornalismo, agregando a ela o treinamento profissionalizante. Antes, entretanto, até meados da década de 60, a estrutura curricular dos cursos, cujo corpo docente era oriundo, em grande parte, das faculdades de Direito, estava mais voltada a reflexões ético-sociais e filosóficas, em contraposição a postura técnico-editorial que seria adotada durante a ditadura militar, quando outra ditadura, a *da prática*, começa a se fazer presente.

A Revolução de 64 passa a ser a fronteira histórica entre o momento ético-social e o técnico-editorial (...) A volta da censura, cassação de autoridades políticas, militarização da administração pública, além do controle das atividades intelectuais e as dificuldades ao exercício da liberdade de imprensa e ainda o processo modernizador implantado nas empresas de comunicação, com a importação de novas tecnologias para a imprensa, traz para as redações um surto de preocupação com a prática jornalística. Com isso, emerge uma corrente voltada para a técnica jornalística, com a melhoria dos padrões editoriais⁴.

A partir do final da década de 70, com a emergência de uma abertura política, com a possibilidade do retorno do país a democracia, a linha político-ideológica, associada ao processo de captação, codificação e difusão da notícia, acabou gerando uma postura crítico-profissional no Jornalismo, concomitantemente a profissionalização maior das redações, mais bem equipadas, voltadas, fortemente, para o aperfeiçoamento da prática. É nesse momento que surge nos cursos de Jornalismo a discussão sobre como melhorá-los, incluindo, aí, os jornais-laboratórios. É dessa época a Resolução nº 03/78, do Conselho Nacional de Educação, que estabelece a aplicação prática dos alunos nas diferentes áreas de formação através de projetos experimentais realizados em laboratórios da própria escola, com redações-modelo, oficina gráfica, sala de diagramação, laboratório fotográfico, laboratório de rádio, tele e cinejornalismo e hemeroteca. Essa resolução foi reforçada por

⁴ MARQUES DE MELO, José *apud* LOPES, Dirceu Fernandes, 1989. *Jornal laboratório: do compromisso escolar ao compromisso com o público leitor*, p. 21.

outra, a Resolução nº 2/84, cuja exigência de currículo mínimo para o curso de Jornalismo determina um prazo de três anos para a implantação de órgãos laboratoriais.

Essas resoluções, portanto, acabam demonstrando que existe uma “consciência histórica sobre a necessidade dos laboratórios como espaços fundamentais para a pesquisa e a reprodução ou inovação da prática jornalística”⁵. Entretanto, essa consciência e as mudanças que ela acarretou dentro das salas de Jornalismo, trouxe consigo, também, uma maior tecnização do ensino, onde a experimentação crítica dos modelos jornalísticos dominantes e a criação de modelos alternativos suscetíveis de difusão social são, muitas vezes, deixados de lado para dar espaço a uma mera reprodução de padrões da grande imprensa. O estudante, nesse caso, embora saia preparado para enfrentar um mercado de trabalho, reproduzindo mecanicamente o que lhe foi ensinado, perde em capacidade crítica e criação, posto que deixa de ter uma visão mais complexa do Jornalismo e fica preso a um modelo. Isso não quer dizer, obviamente, que o jornal-laboratório não deve se orientar por padrões já existentes, mas sim deve combinar, intercalar e integrar as duas variações. Ainda nos anos 70, a visão de que o jornal-laboratório deve ser um espaço de reflexão sobre aquilo que existe e um espaço de criação de alternativas, começa a ganhar força com a criação dos cursos de Pós-graduação em Jornalismo.

Os cursos excessivamente tecnicizantes provocaram debates calorosos entre aqueles que defendiam o tecnicismo e os que lutavam pela formação humanística. Na década de 70, começa a ser questionado o ensino prático específico que deixava o professor com a mera função de um técnico ou mesmo de um profissional. Surge a necessidade de um corpo docente especializado, que tivesse condições de revestir as disciplinas técnicas de uma base operacional teórica. Com a criação de cursos de Pós-graduação, no início daquela década, esse objetivo começou a ser atingido⁶.

O ensino de Jornalismo, portanto, trabalharia, além da prática, com a formação cultural, ética e profissional do jornalista, análise e revisão das técnicas jornalísticas através de pesquisa e o estudo do fenômeno social da informação, conforme acreditava Danton Jobim⁷, ainda na década de 60.

Hoje, 36 anos depois da regulamentação da profissão de jornalista e já tendo vivido, inclusive, a *ditadura da prática*, o ensino laboratorial de jornalismo se depara,

⁵ Idem, ibidem, p.33.

⁶ LOPES, Dirceu Fernandes. *Para uma pedagogia do jornal-laboratório*, p.16.

⁷ JOBIM, Danton. *Pedagogia del periodismo*, p. 31.

precisamente, com questões que envolvem essa junção entre teoria e prática de maneira mais profunda. Os objetivos deixam de ser, simplesmente, ensinar uma técnica utilizada, ainda que ela sempre esteja presente, mas como transcender a simples reprodução de rotinas e padrões que são efetuados na grande imprensa, como trabalhar com outras propostas que não sejam apenas informativas, e como desenvolver, através dessa concepção, uma prática que esteja ligada, também, a uma reflexão sobre o fazer jornalístico, transformando o aluno num agente motivado e transformador, construindo um perfil profissional mais crítico e ativo, como o quer Dirceu Lopes em *Para uma pedagogia do jornal-laboratório*. Outra questão pertinente a esse processo é aquela que concerne ao fato inexorável de que os jornais-laboratórios se constituem numa disciplina. Como fazer com que esses veículos não se transformem em meros exercícios escolares, destinados unicamente a avaliação docente?

Foi pensando nessas novas questões, que o jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, o *Artefato*, teve toda a sua proposta editorial reelaborada, nos últimos seis meses, buscando estimular, ainda mais, a experimentação, a reflexão, sem negligenciar a visão profissionalizante que se tem do veículo. Nesse sentido, o jornal-laboratório passa a ser pensado de uma forma total, onde a discussão sobre o trabalho realizado e sobre suas possibilidades estão inseridos em sua produção.

Proposta

A iniciativa de recriação do jornal-laboratório da Universidade Católica de Brasília – *Artefato* – aconteceu a partir de dezembro de 2004 e começou a ser colocada em prática em fevereiro de 2005.

Como tornar essa etapa da vida discente mais produtiva? Como fazer com que no último ano de graduação, num momento de profundo envolvimento com o Trabalho de Conclusão de Curso, o aluno mergulhe no jornalismo impresso e seja capaz de participar de todo o processo de produção de um periódico?

Foi tentando responder a essas indagações que se pensou numa grande reformulação na metodologia de ensino da disciplina de jornal impresso que desembocaria num produto

de comunicação diferente, que permitisse a ampla participação dos alunos no processo de produção e uma reflexão crítica sobre o próprio fazer jornalístico.

Ao longo de cinco anos, o Artefato teve várias caras. Passou por vários formatos, foi colorido, preto e branco, tratou de assuntos da Universidade, variedades, etc. Cada um desses modelos revelou seus problemas e impasses. O mais comum foi a falta de envolvimento dos alunos em todo o processo de produção. A dificuldade que se enfrentava, então, era que o discente que gostasse mais de uma determinada atividade não se envolvesse com outra. Portanto, quem gostava de escrever se concentrava na produção de matérias e quem gostava de diagramar não queria se envolver em outra tarefa, por exemplo.

Tentando sanar esse problema fomos convidadas a fazer uma parceria na condução da cadeira Edição Jornalística⁸. Nesse momento, foi colocada uma discussão sobre como seriam realizados os trabalhos e sobre os modelos existentes de jornal-laboratório no Brasil.

O primeiro passo foi a instalação de um Conselho Editorial, formado por quatro professores: as professoras do jornal-laboratório, Janara Sousa e Rafiza Varão; a professora das disciplinas de Redação Jornalística, Elen Geraldês; e o professor de Fotójornalismo e coordenador do curso de Jornalismo, Duda Bentes.

O Conselho Editorial elaborou uma ampla análise dos jornais-laboratório de todo o país, onde foram identificados, nessa discussão, três grandes grupos nos quais praticamente todas as propostas editoriais se encaixavam:

1º Grupo: jornal de variedades – que trata dos temas que os grandes jornais locais e nacionais tratam;

2º Grupo: jornal sobre os temas da Instituição de Ensino Superior – trata dos temas da IES e corre o risco de se transformar em um *house-organ*;

3º Grupo: jornais temáticos – versam sobre um tema específico. Esse foi o tipo mais raro de encontrar.

Qualquer uma dessas opções editoriais pode gerar problemas. Um jornal de variedades vai reproduzir o que já é feito por outros jornais da cidade. Os alunos passam

⁸ O jornal Artefato faz parte das atividades da disciplina Edição Jornalística, que está no sétimo semestre do Curso. Os alunos, portanto, já passaram por praticamente todas as cadeiras práticas do Jornalismo e já estão envolvidos nas atividades de projeto final.

A proposta da disciplina Edição Jornalística é possibilitar ao aluno a aplicação dos conhecimentos obtidos tornando-o capaz, portanto, de participar de todas as etapas de elaboração de um jornal impresso: produção de pautas e desenvolvimento de matérias, diagramação, planejamento gráfico, edição e distribuição.

então a escrever para um público que, virtualmente, é toda a comunidade. Nesse sentido, os discentes não fazem o recorte do público-alvo e não sabem de fato para quem estão escrevendo. Isso, de certa forma, contraria o espírito do jornal-laboratório que, como mencionado na introdução, é a experimentação de novas técnicas e estilos. Repetir o modelo que já está consagrado pode nos roubar a chance de refletir sobre isso e de criar novas alternativas no fazer jornalístico.

A segunda opção – dos temas da IES – também pode desembocar no problema do *house-organ*, ou seja, os alunos acabam exercitando práticas de assessoria de comunicação e, portanto, sentindo-se limitados para tratar de alguns assuntos ou assumir determinados pontos de vista. Essa prática, inclusive, não é reconhecida pelo Ministério da Educação como prática de jornal-laboratório.

A terceira proposta nos pareceu a mais apropriada. Contudo, percebemos que mesmo nos jornais temáticos o recorte do público-alvo não era bem definido. Esse foi o ponto principal da nossa discussão.

Optamos, portanto, por lançar a proposta de um jornal-temático. Mas, o grande desafio que lançamos para os alunos foi o do jornalismo especializado. Optamos por temas pré-definidos e público-alvo bem delimitado: alunos de ensino médio, de 14 a 20 anos, de escolas públicas e privadas do Distrito Federal.

Essa opção abriu um leque de possibilidades, principalmente a de escapar dos modelos tão propagados das grandes redações e exercitar um texto jornalístico que não seja meramente informativo, mas no qual o aluno possa desenvolver sua capacidade de interpretação dos fatos.

Colocamos, dessa forma, a necessidade de tratar cada um dos temas abordados de acordo com as características dos jovens que iriam receber o periódico. O objetivo foi fazer com que cada aluno pensasse, desde a pauta até a edição da página, no seu público-alvo. Possibilitando, assim, ao aluno o conforto do domínio sobre o para quem? E a insegurança de conhecer profundamente as idiosincrasias desse público.

As primeiras aulas do semestre foram dedicadas a discutir quem é o adolescente. Não foi uma tarefa muito complicada, pois os alunos se identificavam rapidamente nesse perfil – a maior parte está entre os 20 e 23 anos de idade. Em seguida, a proposta foi cada aluno conhecer um pouco mais os adolescentes que o rodeiam, como irmãos, primos e amigos.

Além disso, determinamos a necessidade das fontes adolescentes como prioritárias. Os alunos deveriam ir as escolas de ensino médio para entrevistar os jovens e conhecer um pouco mais a linguagem e as expectativas em relação às pautas e matérias. Então, desde o desenvolvimento das primeiras pautas, os alunos se viram envolvidos no ambiente escolar e com as preocupações, posicionamento e linguagem dos jovens.

A distribuição do jornal também foi um momento de encontro com o público-alvo. Os alunos foram às escolas para distribuir o periódico. Essa etapa fez parte, inclusive, da avaliação.

Em mesa-redonda com os alunos, definiu-se que o formato do jornal-laboratório seria tablóide, com dezesseis páginas, colorido.

Ao longo do primeiro semestre, os alunos trabalharam com quatro temas, indicados pelos professores do Conselho Editorial. Os temas foram: celebridades, amor, morte e pós-adolescência. Cada um desses temas teve, pelo menos, dois encontros para reunião de pauta, a fim de se refletir sobre os receptores e refinar as propostas. Nossa maior preocupação era acompanhar e auxiliar o desenvolvimento da pauta: momento em que era definido o enfoque das matérias, as fontes, as imagens e como seria diagramada a página.

Os temas em si já se colocavam como provocadores. Os alunos terminavam um jornal sobre o amor e se viam numa situação de escrever sobre morte para adolescentes, tema difícil de ser trabalhado e difícil de ser desenvolvido pelos próprios jovens estudantes.

A proposta do projeto gráfico foi a mais livre possível. A única marca de identificação do jornal foi o número da página e o nome do jornal, que ficaram no rodapé da página. E, como já foi mencionado, foi estipulado pelos alunos o formato tablóide e dezesseis páginas.

A partir daí, cada trio de aluno ficou responsável por pensar sua página com o máximo de liberdade possível tendo necessariamente como base o público-alvo. Portanto, na diagramação de cada página contava a pauta e a forma como cada grupo conduziu a matéria. Outra indicação importante era que as páginas reservassem espaço para as imagens, evitando, dessa forma, grandes blocos de texto.

A idéia era que cada aluno pudesse refletir sobre a pauta e as imagens e decidir pela melhor solução gráfica. O objetivo era deixar aflorar novas opções de diagramação e deixar esse processo mais atraente – porque, geralmente, a diagramação e a distribuição são as etapas das quais menos discentes desejam participar.

A proposta para essa nova cara do jornal *Artefato* foi possibilitar ao máximo o envolvimento dos alunos nas etapas de produção, despertar o cuidado com suas atividades e a relação destas com o público-alvo e exercitar o trabalho em grupo de forma harmônica e responsável.

Metodologia

Sem dúvida, o processo metodológico escolhido é fundamental para o pleno desenvolvimento do trabalho. Pensando nisso, optamos por uma metodologia na docência do jornal-laboratório diferente:

1º) Em primeiro lugar, abolimos as editorias. O que tradicionalmente é feito nos jornais-laboratórios pode gerar concentração de alunos em determinadas atividades e desfocar outra. Além do que em um jornal temático as editorias podem ser abolidas;

2º) Criamos grupos de trabalho. Dividimos os alunos em trios e para um desses trios demos uma página do jornal. Cada grupo tinha com responsabilidade pensar sua página desde a pauta, matéria, revisão, diagramação, edição até a artefinalização da mesma.

A decisão de fazer grupos de três alunos se deu porque acreditamos que esse seja um número adequado para que haja a boa distribuição das atividades, entre os membros do grupo, sem prejuízo e sem sobrecarga para os discentes. Essa medida também levou em conta a questão da avaliação e do acompanhamento dos trabalhos, pois torna mais fácil orientar e perceber as dificuldades de cada aluno em grupos menores.

Nesse sentido, cada trio de uma só vez passava por todas as etapas de produção do jornal. Cada trio trabalhava sem interferência de outro e tinha liberdade para criar sua página.

A um dos trios, voluntários ou escolhidos durante a reunião de pauta, era destinado o processo de edição do jornal-laboratório. Esse trio se responsabilizava pela harmonia geral do jornal, podendo sugerir cores e idéias de diagramação a outros grupos, e hierarquização das páginas.

Ao trio editor cabia também o fechamento da capa e da segunda página. Devendo, portanto, escrever o editorial e escolher o membro da comunidade acadêmica que escreveria o artigo da edição.

A avaliação da disciplina se deu levando em consideração o trabalho final do grupo: a página dele em cada edição. A distribuição foi outro ponto importante na avaliação. Cada trio se comprometia em distribuir os jornais em determinados locais e levava consigo uma ficha que deveria ser preenchida e assinada pelo responsável no local de distribuição.

Resultados parciais

A reformulação do jornal encontrou, a princípio, bastante resistência por parte dos alunos inscritos na disciplina laboratorial e da comunidade acadêmica, o que não se observou entre os adolescentes do ensino médio, público ao qual o jornal é destinado. Na disciplina, a exigência por parte dos alunos era que voltássemos ao velho esquema do jornal diário, mesmo que estivéssemos numa publicação que sai mensalmente, mais aberta, portanto, ao texto interpretativo. Entretanto, nosso objetivo não era reproduzir um esquema totalmente espelhado no jornal diário, mas pensar a produção jornalística como um todo, o que foi feito através da inserção de toda a turma nas mais diversas etapas do processo produtivo.

O processo ensino-aprendizagem ancorado no projeto editorial descrito no tópico anterior revelou-se, já nos dois primeiros meses, extremamente eficaz, desde a integração da turma, motivação e empenho na produção do jornal-laboratório, passando pelo esquema de distribuição, até a recepção positiva do público-alvo. Ao definirmos nossos leitores como os estudantes das escolas de ensino médio do Distrito Federal, conseguimos direcionar melhor a produção textual, num exercício de linguagem que se torna cada vez mais próximo do esperado, com um salto de qualidade visível, entre o primeiro e o terceiro números. A opção por um tema único facilitou a identificação do público com o veículo, pois se criou uma expectativa em torno do assunto de cada nova edição distribuída. O contato direto com o público-alvo também representou um ganho. Muitas vezes, as críticas, positivas e negativas, são feitas ainda na distribuição. Acrescido a isso, os alunos produtores do jornal acabaram conhecendo melhor o público ao qual se dirigem. O percentual de exemplares não distribuídos é praticamente nulo. Além disso, em menos de um mês, dobramos a tiragem de 5 mil exemplares para 10 mil, em função da solicitação de mais exemplares pelas escolas foco de distribuição. O *Artefato* é hoje o jornal-laboratório de maior circulação no Distrito Federal.

A opção por dividir as tarefas entre os três membros de cada grupo, onde todos elaboram texto e diagramação, e participam ativamente da distribuição, abriu uma visão maior do Jornalismo para os estudantes, que agora entendem o processo produtivo de forma mais completa, o que desenvolveu, inclusive, um senso sobre as diversas funções de uma empresa jornalística, mesmo aquelas não realizadas por jornalistas.

Com isso, a disciplina transformou-se num espaço real de reflexão sobre o fazer jornalístico e em um espaço de criação, onde, além de por em prática o conhecimento aprendido ao longo do curso, os alunos aprendem a se colocar como agentes renovadores dos padrões jornalísticos vigentes.

Considerações finais

O primeiro semestre de trabalho com a nova proposta editorial e metodológica, sem dúvida, foi muito profícuo. Profícuo no que concerne à detecção de problemas, de soluções e de novos caminhos para trilharmos, e, como já comentamos, na resolução dos problemas foram detectados logo na primeira edição.

A proposta nova de trabalho causou um forte impacto na comunidade acadêmica. Os alunos e professores estavam “acostumados” ao modelo antigo adotado pelo *Artefato*. Portanto, tanto na produção, quanto na recepção sentimos a insegurança em relação às mudanças.

Contudo, os problemas e as soluções vividas durante esse processo ratificaram a estabilidade do modelo atual. Dessa forma, decidimos não só dar continuidade ao modelo como também, baseados na experiência e na solicitação dos alunos, assumir os seguintes procedimentos:

1. Manter o público-alvo: os adolescentes. Acreditamos que o *Artefato* está criando uma história no Distrito Federal. Nas escolas onde distribuimos o jornal, já somos esperados. Isso, além de gratificar o trabalho, cria uma expectativa em relação ao jornal (temas e pautas) e torna os adolescentes mais cúmplices do processo de produção.
2. Promover maior proximidade entre os alunos da disciplina e o público-alvo. A proposta é criar um Conselho Editorial Jovem, formado por adolescentes do

ensino médio, e promover reuniões de pauta entre os discentes do jornal-laboratório e esses jovens. Sem dúvida, isso possibilitaria um envolvimento real do público-alvo nas decisões do processo de escolha do tema e das pautas. Além disso, será a chance dos discentes conhecerem melhor a linguagem, os anseios e o desejo desses adolescentes.

3. Abrir espaço efetivo para a participação dos adolescentes no jornal. Em princípio, a idéia é criar uma seção de cartas para os jovens se manifestarem em relação à publicação.
4. Institucionalização na seção do *ombudsman*. A idéia é fazer com que os alunos reflitam sobre a sua própria produção. Para isso, a cada edição um aluno ficará responsável por esse trabalho de crítica e reflexão.

Acreditamos que essas medidas são fundamentais para o aprimoramento desse processo de produção do periódico. Mesmo reconhecendo a plena aceitação da proposta pelos alunos e pelos adolescentes, cremos ser importante pensar em medidas que tornem o trabalho cada vez mais efetivo e que permita que os alunos pensem e reflitam sobre o fazer jornalístico desenvolvido pelo *Artefato*, antes de iniciar a elaboração ou apuração de uma pauta.

Bibliografia

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

HOHLFELDT, Antonio e Marialva Barbosa (org.). **Jornalismo no século XXI: a cidadania**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-Laboratório: do Exercício Escolar ao Compromisso com o Público**. São Paulo: Summus, 1989.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Para uma pedagogia do jornal-laboratório**. Santos: Cadernos de Pós-Graduação da Universidade Católica de Santos - Comunicação. Nº 48, dezembro de 2001.

MELO, José Marques de. **História Social da Imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

VELOSO, Maria do Socorro F. **Público-alvo e visibilidade nos jornais-laboratórios: a experiência do Entrelinhas**. Disponível em http://www.professoresjornalismo.jor.br/antigo/grupos_trabalho/producao_laboratorial/impresso/Natal/socorro.htm. Acesso em 27.05.2006.